

Prevalência de anemia infecciosa equina no estado de Rondônia no período de 2019 a 2025

Prevalence of equine infectious anemia in the state of Rondônia from 2019 to 2025

Prevalencia de anemia infecciosa equina en el estado de Rondônia en el período de 2019 a 2025

Recebido: 17/11/2025 | Revisado: 20/11/2025 | Aceitado: 20/11/2025 | Publicado: 22/11/2025

Soheydy Nayany dos Santos Borges

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9882-4806>

Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: soheydysantos@gmail.com

Rainnier Ezequias da Silva Rodrigues dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2430-0918>

Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: rainnier400@gmail.com

Mayra Meneguelli Teixeira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6369-958X>

Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: profa.mvmayra@gmail.com

Resumo

O presente estudo teve como objetivo identificar a prevalência de Anemia Infecciosa Equina (AIE) no estado de Rondônia no período de 2019 a 2025. A pesquisa foi do tipo descritiva, embasado por meio da pesquisa quantitativa, o universo da pesquisa consistiu nos dados divulgados pela Agência de Defesa Sanitária Agrossilvopastoril do Estado de Rondônia (IDARON) referentes aos casos de anemia infecciosa equina. A amostra foi composta pelos casos de equinos que apresentaram a AIE, empregou-se a Ferramenta Interativa Demonstrativa e Investigação de Doenças, as buscas foram realizadas nas bases de dados virtuais Google Acadêmico, Scielo, entre outros. Os resultados evidenciaram, que no decorrer dos anos de 2019 a 2025 ocorreram 102(100%) investigações de AIE em Rondônia, das quais em 94(100%) ocorreram coletas de sangue, sendo 57(61%) de casos positivos e 37 (39%) de ocorrências negativas. Houve uma prevalência de investigações no ano de 2019, sendo realizadas 72 (70,60%), e em 2021 foram feitas 8(7.84%) investigações. Conclui-se que o Estado tem mantido a regularidade no controle da AIE, especialmente, através das atividades executadas pela IDARON, conforme verificado nos dados dos últimos 7 anos. Verificou-se, que a quantidade de casos positivos vem reduzindo consecutivamente, logo, acredita-se que a fiscalização é fundamental, e na suspeita de novos casos, realizar os exames prontamente, visto, que a comprovação precoce torna plausível a redução dos riscos de novas ocorrências de contaminação.

Palavras-chave: Equino; Equinocultura; Doença infectocontagiosa; Manifestações clínicas.

Abstract

This study aimed to identify the prevalence of Equine Infectious Anemia (EIA) in the state of Rondônia from 2019 to 2025. The research was descriptive, based on quantitative methods, and the study universe consisted of data released by the Rondônia State Agricultural and Livestock Health Defense Agency (IDARON) regarding cases of equine infectious anemia. The sample comprised equine cases presenting with EIA. The Interactive Demonstration and Disease Investigation Tool was used, and searches were conducted in the virtual databases Google Scholar, SciELO, among others. The results showed that, during the years 2019 to 2025, 102 (100%) investigations of EIA occurred in Rondônia, of which 94 (100%) involved blood collection, with 57 (61%) positive cases and 37 (39%) negative occurrences. There was a prevalence of investigations in the year of In 2019, 72 (70.60%) investigations were carried out, and in 2021, 8 (7.84%) investigations were conducted. It is concluded that the State has maintained regularity in the control of AIE (Acute Equine Infectious Anemia), especially through the activities carried out by IDARON, as verified in the data from the last 7 years. It was observed that the number of positive cases has been decreasing consecutively; therefore, it is believed that monitoring is fundamental, and in the suspicion of new cases, tests should be carried out promptly, since early confirmation makes it plausible to reduce the risks of new contamination occurrences.

Keywords: Equine; Equine breeding; Infectious disease; Clinical manifestations.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo identificar la prevalencia de la Anemia Infecciosa Equina (AIE) en el estado de Rondônia entre 2019 y 2025. La investigación fue descriptiva, basada en métodos cuantitativos, y el universo de estudio consistió en datos publicados por la Agencia Estatal de Defensa de la Salud Agropecuaria y Ganadera de Rondônia (IDARON) sobre casos de anemia infecciosa equina. La muestra comprendió casos equinos que presentaron AIE. Se utilizó la Herramienta Interactiva de Demostración e Investigación de Enfermedades y se realizaron búsquedas en las bases de datos virtuales Google Scholar y SciELO, entre otras. Los resultados mostraron que, entre 2019 y 2025, se realizaron 102 (100 %) investigaciones de EIA en Rondônia, de las cuales 94 (100 %) incluyeron la toma de muestras de sangre, con 57 (61 %) casos positivos y 37 (39 %) negativos. Hubo una prevalencia de investigaciones en el año de 2019 se realizaron 72 investigaciones (70,60%), y en 2021, 8 (7,84%). Se concluye que el Estado ha mantenido la regularidad en el control de la EA (Anemia Infecciosa Aguda Equina), especialmente a través de las actividades realizadas por IDARON, como lo verifican los datos de los últimos 7 años. Se observó que el número de casos positivos ha disminuido consecutivamente; por lo tanto, se considera fundamental el monitoreo y, ante la sospecha de nuevos casos, se deben realizar pruebas de inmediato, ya que la confirmación temprana permite reducir los riesgos de nuevos contagios.

Palabras clave: Equino; Cría de equinos; Enfermedades infecciosas; Manifestaciones clínicas.

1. Introdução

A Anemia Infecciosa Equina (AIE) é uma doença infectocontagiosa, ocasionada por ácido ribonucleico (RNA), vírus da anemia infecciosa equina (VAIE) é da família Retroviridae, gênero Lentivirus, constituindo uma lentivirose que acomete exclusivamente componentes da família Equidae (equinos, asininos e muares). Nestes animais ocasiona um processo infeccioso persistente, é considerado como um dos fatores que colaboram para essa tenacidade a habilidade do vírus em gerar DNA por meio do RNA. Ressalta-se, que esta é uma das principais doenças que acarretam sérios prejuízos econômicos no âmbito equestre (Silva, 2024; Mcvey; Kennedy & Chengappa, 2016).

Doenças como a anemia infecciosa equina, a influenza equina, o mormo, a encefalomielite equina do Leste e a encefalomielite equina do Oeste são de notificação obrigatória ao Serviço Veterinário Oficial do Brasil quando tiver alguma suspeita conforme os critérios estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Visto, que medidas como estas são indispensáveis para a conservação da qualidade sanitária do plantel, já que hoje em dia a equideocultura tem se destacado não apenas como força no trabalho nas propriedades rurais, mas até mesmo em áreas como terapias, esporte e lazer, o que proporciona um estreitamento maior da relação com o ser humano (Gomes; Silva & Ferreira, 2021).

Gomes & Silva (2022), a manifestação mais evidente do vírus é a anemia, que pode se apresentar em diferentes estágios: agudo, crônico ou assintomático. A transmissão pode acontecer de maneira vertical (intra uterina) e horizontal (por meio de fômites, sêmen, insetos hematófagos e leite), com a grande presença de tabanídeos no Amazonas, eles se destacam como um dos vetores mais eficazes. O ambiente favorável e a quantidade de insetos que se alimentam de sangue fazem do estado um lugar ideal para a atuação dos vetores, facilitando a disseminação da enfermidade.

A AIE é uma enfermidade provocada por um lentivírus e está presente em várias partes do mundo. No Brasil, essa condição representa um obstáculo para o avanço da criação de equinos, pois implica na necessidade de eutanásia dos animais que apresentam resultado positivo. Frequentemente, os donos mostram resistência em permitir que os profissionais de saúde animal façam a coleta de sangue, uma vez que estão cientes da obrigatoriedade de realizar a eutanásia dos animais infectados. Como a maioria dos equinos não apresentam sintomas evidentes da patologia e continuam aptos a trabalhar nas carroças, os proprietários optam por não realizar os exames, buscando evitar a retirada de seus animais (Moraes et al., 2017).

Sendo assim, é evidente a necessidade de divulgação uma maior sobre a patogenia e profilaxias existentes para AIE, compreendendo, em primeiro lugar, os desafios relacionados ao meio ambiente e ao clima que podem estar favorecendo a disseminação do VAIE na região Norte (Gomes & Silva, 2022).

Os animais são empregados para diversos propósitos, muitos dos quais estão associados à participação em eventos de

grandes públicos. Tais eventos costumam ser de breve duração, normalmente reunindo animais que são transportados sem a devida documentação e ocorrem com muita frequência. Além disso, o exame de EIA tem validade de 180 dias, o que possibilita que um mesmo animal participe de várias atividades durante esse intervalo, mesmo se estiver exposto a várias situações arriscadas. Todos esses aspectos geram um ambiente em que muitos animais de variadas origens, se encontram (Machado et al., 2024).

Diante desse contexto, a justificativa desse estudo decorre da importância de apontar a prevalência de anemia infecciosa equina no estado de Rondônia no período de 2019 a 2025, visto, que há a necessidade de se levar em consideração a relevância do tema para a comunidade científica, para a sociedade, a atuação profissional dos veterinários e dos produtores de equídeos no combate a essa doença e na minimização dos impactos decorrentes da AIE.

Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo identificar a prevalência de anemia infecciosa equina no estado de Rondônia no período de 2019 a 2025.

2. Metodologia

A pesquisa foi do tipo descritiva, que no entendimento de Nunes (2021), consiste na observação, na análise e a interpretação dos fenômenos sem que ocorra a interferência do pesquisador, seu objetivo basilar não é encontrar as causas de ocorrência dos casos, mas sua ocorrência em si, suas características e sua frequência, com a finalidade de facilitar a análise das relações entre as variáveis investigadas.

Empregou-se, pesquisa foi do tipo descritiva, esta tem como desígnio responder alguma dúvida ou questionamento, seu objetivo primordial consiste na descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, até mesmo, estabelecer relações entre variáveis (Evêncio et al., 2019).

Quanto aos procedimentos técnicos, o estudo foi embasado por meio da pesquisa quantitativa (Pereira et al., 2018) e com uso de estatística descritiva simples com uso de Gráfico de setores, classe de dados e valores de frequência absoluta em quantidades e, de frequência relativa em porcentagens (Shitsuka et al., 2014) e que deste modo permite a consignação de indicadores e tendências no âmbito da realidade, isto é, dados representativos e objetivos, opondo-se à ciência aristotélica, a partir da desconfiança sistemática das evidências e experiência imediata. Tem como eixo central a materialização físico-numérica no decorrer da explicação, esta abordagem admite que a melhor probabilidade explicativa científica não tem interesse pelo singular, o individual, o diferenciado, ou seja, o pessoal, tendo em vista, que o interesse está no coletivo, logo, visa a característica do grupo. Nesse contexto, a capacidade de generalização se estabelece como sua principal característica, o fato ocorrido com a amostra assumido como a peculiaridade de uma população, que não necessita ter sido estudada totalmente (Mussi et al., 2019).

O universo da pesquisa consistiu nos dados divulgados pela Agência de Defesa Sanitária Agrossilvopastoril do Estado de Rondônia (IDARON) referentes aos casos de anemia infecciosa equina no Estado de Rondônia no decorrer do período de 2019 a 2025. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). O Estado conta com uma população de 1.581.196 pessoas, é composto por 52 municípios, comprehende uma área de 237.765,233 km², está localizado na região Norte, faz fronteira ao norte com o estado do Amazonas, oeste com o Acre, leste com o Mato Grosso, e na região sudoeste faz fronteira com a Bolívia. Além disso, Rondônia é procedente de dois outros estados, Amazonas e Mato Grosso, mas não dependia diretamente de um rio, e sim da rodovia BR-364, que é considerada a porta de entrada da região Amazônia brasileira.

A amostra se foi composta pelos casos de equinos que apresentaram a anemia infecciosa no período de 2019 a 2025. O total da amostra foi constituído dos dados disponibilizados pela IDARON, no decorrer do período estabelecido para a pesquisa.

No que se refere aos instrumentos de coletas de dados, foi empregada a Ferramenta Interativa Demonstrativa e Investigação de Doenças, a qual é considerada uma ferramenta interativa para consultas e gerenciamento das informações obtidas por meio do registro nos Formulários de Investigação Oficial de Doenças pelas Unidades de Atendimento da agência. Esse instrumento pode ser empregado para evidenciar o episódio de patologias em Rondônia, notificadas e investigadas pela Idaron, bem como, poderá ser empregada como ferramenta de gestão pelo próprio Serviço Veterinário (IDARON, 2025).

Além disso, os formulários tornam possível a realização de avaliações temporais, entre regionais e/ou unidades, em relação ao número de investigações de patologias, tempo de ação e reação, geolocalização das averiguações por síndrome e doenças, dentre outras (IDARON, 2025).

Sendo assim, no primeiro momento foram selecionados os artigos que foram analisados para a fundamentação teórica. Já no segundo momento atentou para os critérios de inclusão e exclusão, assim, selecionou-se os estudos que atendessem aos objetivos propostos, foram também empregados os arquivos publicados na língua portuguesa e inglesa e, por fim, buscou-se utilizar os estudos divulgados no período de 2015 a 2025, ou seja, dos últimos dez anos. Quanto aos critérios de exclusão, não foram empregados estudos que não correspondessem ao tema, arquivos que não fossem nas línguas inglesa e portuguesa, estudos divulgados anterior ao ano de 2015.

As buscas foram realizadas nas bases de dados virtuais Google Acadêmico, Scielo, entre outros. Dentre os materiais empregados destaca-se: livros, artigos de periódicos, revistas especializadas, monografias, Sites oficiais (Idaron e, Ministério da Agricultura e Pecuária - Mapa), teses, em bancos de dados científicos, como o PUBMED, Google Acadêmico, Periódicos Capes, SCOPUS e Scielo, além do que se encontra também disponível no acervo da Biblioteca da UNINASSAU.

A análise dos dados, foi desenvolvida a partir de uma avaliação minuciosa das informações disponibilizadas pela Idaron, assim, foram coletados e analisados em planilha do *Microsoft Excel*© 2013, por fim foram tabulados de forma cuidadosa, interpretados e representados por meio de tabelas e gráficos, pois essas são ferramentas de uma linguagem universal para a exibição de dados, com o desígnio de produzir no investigador, no público ou no acadêmico uma impressão mais célere e viva sobre determinado assunto.

3. Resultados e Discussão

3.1 Resultados

O presente trabalho consistiu em uma Investigação de Doença Infecciosa Equina no Estado de Rondônia, com dados do IDARON do período de 2019 a 2025, totalizando 102(100%) investigações (Gráfico 1), essas informações estão delineadas nos gráficos e tabelas a seguir:

Tabela 1 - Total de investigações realizadas pelo IDARON no período de 2019 a 2025.

QUANTIDADE	ANO	INVESTIGAÇÕES	PORCENTAGEM (%)
1	2019	72	70,60%
2	2020	7	6,86%
3	2021	8	7,84%
4	2022	6	5,88%
5	2023	5	4,90%
6	2024	3	2,94%
7	2025	1	0,98%
TOTAL	-	102	100%

Fonte: Dados do IDARON (2025).

Os resultados apontados no Gráfico 1 evidenciam que houve uma prevalência de investigações de AIE em Rondônia no ano de 2019, período que foram realizadas 72 (70,60%) das investigações, conforme os dados delimitados para este estudo, em 2021 foram feitas 8(7.84%) investigações no decorrer do ano, e no decorrer de 2020 ocorreram 7(6,86%) investigações, sugere-se que a redução dos casos de investigações é decorrente do trabalho que vem sendo executado pelo poder público em parceria com os empreendedores rurais, visto que o IDARON tem atuado nas políticas educativas.

Em relação as coletas de sangue para averiguação de AIE em Rondônia ocorridas no período de 2019 a 2025, a Tabela 2, traz o detalhamento das 102 investigações realizadas no periodo de 2019 a 2025, sendo assim, realizou-se 94(100%) coletas de sangue, das quais houveram resultados positivos e negativos durante os sete anos de inquirição, assim, verificou-se que no ano de 2019 houve a maior quantidade de exames com resultados positivos, totalizando 35(37.23 %) casos, e 32(34.04 %) resultados negativos; em 2020, foram confirmados 06 (6.38 %) casos positivos e 01(1.06 %) negativo; resultado semelhante ocorreu no ano de 2021, período que no período das investigações, 06(6.38 %) obtiveram resultados positivos e 01 (1.06 %) negativo, apontado a seguir:

Tabela 2 - Coletas de amostras de sangue dos equinos com suspeita de AIE em Rondônia (2019 a 2025).

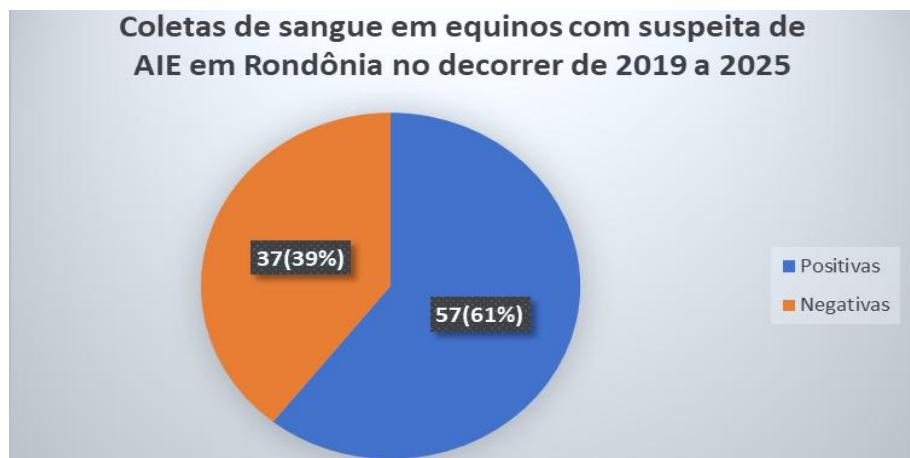
Ano	Total de coletas de sangue	Total %	Total de resultados positivos	Total %	Total de resultados negativos	Total %
2019	67	71.27%	35	37.23 %	32	34.04 %
2020	07	7.44%	06	6.38 %	01	1.06 %
2021	07	7.44%	06	6.38 %	01	
2022	05	5.31%	03	3.19 %	02	2.12 %
2023	05	5.31%	05	5.31 %	-	
2024	02	2.12%	01	1.06 %	01	1.06 %
2025	01	1.11%	%	1.06 %	-	-
Total	94	100%	57	100%	37	39%

Fonte: Dados do IDARON (2025).

Os resultados apontados na Tabela 2, são atinentes às coletas de amostras de sangue dos equinos com suspeita de AIE em Rondônia no transcurso de 2019 a 2025, sendo assim, os dados apontam que dos 102 casos de investigações e 94(100%) coletas de sangue. No ano de 2019 houve a maior quantidade de exames com um total de 67(71.27%), das quais 35(37.23 %) coletas tiveram resultado positivo e 32(34.04 %) casos negativos; em 2020, foram conduzidas 07(7.44%) coletas de sangue, sendo 06(6.38 %) positivos e 01(1.06 %) negativo; resultado análogo ocorreu em 2021, com 07(7.44%) coletas de sangue, totalizando 06(6.38 %) positivos e 01(1.06 %) negativo; no transcurso de 2022, ocorreram 05(5.31%) coletas de sangue, das quais 03(3.19 %) tiveram resultados positivos e 02(2.12 %) foram de casos negativos; Já em 2023 ocorreram 05(5.31%) coletas de sangue, com 05(5.31%) dos casos positivos e nenhum negativo; no ano de 2024, foram feitas 02(2.12%) coletas de sangue, sendo 01(1.06 %) caso positivo e 01(1.06 %) negativo e; por fim, no ano de 2025 até o momento, foi registrada 01(1.11%) coleta de sangue, sendo 01(1.11%) caso positivo e nenhum negativo, a redução dos casos sugerem a efetividade das políticas do Estado de Rondônia junto aos produtores no controle da AIE.

Conforme os dados elencados, das 94(100%) amostras de coletas de sangue em equinos em Rondônia no decorrer de 2019 a 2025, 57 (61%) coletas tiveram resultados positivos e 37(39%) constituíram as amostras com resultados negativos, no período de 2019 a 2025, Gráfico 1:

Gráfico 1 – Resultados das coletas de amostras de sangue dos equinos com suspeita de AIE em Rondônia (2019 a 2025).



Fonte: Dados do IDARON (2025).

Os resultados apontados no Gráfico 1, corroboram que no período de 2019 a 2025, houveram 102(100%) coletas de amostras de sangue dos equinos com suspeita de AIE em Rondônia, dos quais 57(61%) foram positivas para a doença e 37(39%) resultaram em negativas, de modo, que no ano de 2019 os dados apontam um índice maior da patologia no Estado.

3.2 Discussão

Em relação a AIE no Rondônia, os dados do IDARON demonstram uma queda significativa nos casos positivos da doença no período investigado, pois em 2019 eram 35(37.23 %) casos positivos, 2024 teve 01(1.06 %) confirmado e 2025 até o momento também apenas 01(1.06 %), acredita-se, que as políticas de fiscalização tem contribuído para a redução desses índices. Conforme Agência de Defesa e Inspeção Agropecuária de do Estado de Alagoas (ADEAL, 2025), AIE, é um lentivírus da família *Retroviridae*, de genoma RNA, altamente mutagênico e que se integra ao genoma do hospedeiro, é considerada uma afecção cosmopolita dos equídeos, provocada por um RNA vírus do gênero *Lentivirus*, da família *Retrovírus*. Ressalta-se, que o vírus, quando instalado no organismo do animal, nele conservar-se por toda a vida, ainda que quando não aparecer sintomas. Mesmo que possa se manifestar em fases hiperaguda, aguda e subaguda. A contaminação e a transmissão acontecem por meio de picada de mutucas e das moscas dos estábulos; materiais que estejam contaminados com sangue infectado, como por exemplo, agulhas, grota dentária, ferramentas cirúrgicas, sonda esofágica, aparadores de cascos, esporas, arreios, entre outros materiais, inclusive da placenta, colostro e acasalamento. Em relação aos sintomas, os animais contaminados podem ter febre de 40 a 41, 1° C, anemia, hemorragias puntiformes embaixo da língua, inchaço no abdômen, depressão, hemorragia nasal e redução ou perda de apetite. Essa patologia infecta até os asininos (jumentos e jumentas) e muares (burros e mulas).

Pesquisa realizada por Silva (2024), que compreendeu o período de 2018 a 2024, apontou que no ano de 2020 houve um maior número de investigações AIE, que totalizou 41 casos positivos para esse tipo de anemia em Estado de Rondônia. Os dados apontaram que a região que mais apresentou focos da patologia foi a regional de Rolim de Moura, abarcando os municípios Alto Alegre dos Parecis, Alta Floresta d'Oeste, Nova Brasilândia d'Oeste, Santa Luzia d'Oeste e Novo Horizonte do Oeste, totalizando 32 casos positivos, no transcurso do período 2018 a 2024. Nesse período foram averiguados 338 casos de AIE em Rondônia. Sendo assim, do total, 45,27% (153/338) equídeos examinados foram soropositivos (2 asininos, 129 equinos e 22 muares), já 54,73% (185/338) destes animais foram negativos para a patologia, evidenciando assim, um alto percentual de animais positivados para o período estudado (Silva, 2024).

Para Gomes, Silva e Ferreira (2021), a AIE segue sendo uma doença altamente contagiosa, que se dissemina de forma rápida e fácil entre os equídeos. Consequentemente as notificações são consideradas ferramentas cruciais para o controle da

patologia nos rebanhos e nas propriedades, especialmente por ser considerada como uma enfermidade que não tem tratamento e sem vacina. Para Carvalho (2020, p. 01), “Os cavalos, muares e asininos quando infectados ficam com o vírus até morrer, sendo potencial transmissor da doença para outros animais”. A AIE não tem terapia, nem vacina e a patogênese, de tal modo, a resposta imunológica do hospedeiro ao vírus não são completamente aclaradas. A técnica de imuno-histoquímica tem sido empregada para aprofundar a compreensão sobre o tropismo e a patogenicidade de diferentes agentes infecciosos (Bueno, 2019). A doença pode se manifestar através de hemólise mediada por fatores imunológicos (como eritrofagocitose e hemólise mediada pelo complemento) ou por uma supressão da medula óssea, frequentemente associada a infecções virais (Ravazzolo; Costa, 2017),

Estudo para constituir as características epidemiológicas que poderiam cooperar para a propagação da AIE na região oeste do Rio Grande do Sul, Brasil, no decorrer dos anos de 2009 a 2019, apontou que 15 proprietários participaram, assim, os resultados sugerem que as ações de criação, gestão e controle sanitário são análogos entre as propriedades foco e as controle. Somente dois fatores de risco puderam ser evidenciados das propriedades positivos e negativos, sendo estes o trânsito de animais das propriedades e o contato com outros cavalos. Observou-se também, que os registos oficiais dos produtores estava desatualizado para um número relevante de propriedades. Outro fator, é que a dificuldade na identificação clínica está ligada à inespecificidade dos sinais. Destarte, que a homogeneidade das respostas dificulta a classificação dos fatores atinentes ao risco entre as propriedades, o que sugere que a movimentação ilegal de equinos entre as distintas localidades e/ou até mesmo os países vizinhos seja o motivo principal para os casos da patologia. Logo, acredita-se, que o transporte ilegal de equinos entre diferentes propriedades e/ou países vizinhos, seja a causa principal para a ocorrência da doença. Enquanto isso, o fator preponderante para com que o vírus contamine o rebanho de uma propriedade negativa seja a adição de um animal portador do vírus EIAV (Machado *et al.*, 2024).

As medidas preventivas são: o animal positivo para o teste de teste de imuno difusão em gel de Ágar (IDGA) aprovado para análise da AIE, o animal deverá ficar em isolamento e, depois deve ser sacrificado, tendo em vista, que é considerado um disseminador da patologia, as agulhas e seringas empregadas devem ser descartáveis, a constatação de qualquer equídeo positivo para AIE precisará ser comunicada à agência. Quanto as medidas corretivas, ressalta-se, que não há intervenção clínica efetiva ou vacina para a enfermidade, visto, que o animal contaminado torna-se portador permanente da doença, sendo fonte de doença (ADEAL, 2025).

Diante dessa situação, é igualmente importante considerar a realização periódica de exames sorológicos em estabelecimentos criadores de equinos, levando em conta as diversas intensidades de criação nos diferentes locais. Nos 52 municípios de Rondônia analisados durante o estudo no período de 2018 a 2024, a AIE foi registrada em 36 deles. Assim, ressalta-se a necessidade de educação sanitária e sensibilização dos criadores sobre a doença e a relevância de comunicar a ocorrência de surtos (Silva, 2024).

Entre os anos de 2018 e 2024, foram analisados 338 casos de AIE no Estado de Rondônia. Deste total, 45,27% (153/338) dos equídeos apresentaram resultados positivos, sendo 2 asininos, 129 equinos e 22 muares. O ano com o maior registro de casos foi 2020, com 43 ocorrências (12,7%). A maioria dos animais passa por testes sorológicos devido à exigência legal, especialmente quando são destinados para fins de venda e reprodução que envolvem seu transporte, geralmente sendo animais de elevado valor zootécnico. Considerando que a região Norte é endêmica para AIE, principalmente por suas condições climáticas que favorecem a proliferação dos vetores da doença, é fundamental promover a divulgação sobre a epidemiologia e a incidência da AIE. Isso ajuda a aumentar a conscientização sobre a importância da enfermidade e suas particularidades em áreas específicas, além de favorecer a implementação de medidas sanitárias para o controle da doença (Franco, 2024).

Para o controle da AIE, a maioria dos animais devem ser submetidos aos testes sorológicos quando são destinados ao

comércio e à reprodução, especialmente quando envolve transporte e geralmente são indivíduos de grande valor zootécnico. Considerando que a região norte apresenta alta endemicidade para a AIE, principalmente devido às condições climáticas que favorecem a reprodução dos vetores da doença, é essencial promover informações sobre a epidemiologia e a incidência da AIE. Isso coopera na sensibilização da população sobre a relevância da doença e suas especificidades na região, além de estimular a implementação de medidas de controle sanitário para combater a enfermidade (Silva, 2024).

No Brasil a Instrução Normativa 45 de 15 de junho de 2004, do MAPA, estabelece as cláusulas para o diagnóstico, as atividades voltadas para o controle e a profilaxia, o controle de trânsito dos animais e a erradicação dos focos. A mesma Instrução institui a notificação obrigatória ao Serviço de Sanidade Animal da Unidade Federativa, a marcação e a eutanásia de animais positivados a partir da realização do teste de IDGA, o qual deve ser feito em laboratórios habilitados pelo MAPA. Mas, apenas após a elaboração da IN Nº 52, de 26 de novembro de 2018, foi permitido a utilização do ELISA para o exame de saúde de AIE no Brasil. Sendo assim, as propriedades onde forem identificados animais soropositivos para AIE precisam ser interditadas e o isolamento dos demais animais precisam ser realizados, inclusive, a sorologia dos demais equídeos da localidade (Campos; Bastos & Gomes, 2022; Brasil, 2020; Malossi, 2019; Rodrigues, 2019).

4. Conclusão

Conclui-se, a partir da investigação sobre a prevalência de anemia infecciosa equina em Rondônia no período de 2019 a 2025, que a cada ano os casos desse tipo de doença está reduzindo, o que demonstra a relevância da atuação dos órgãos gestores, como o MAPA e IDARON, visto, que os profissionais que atuam no Estado tem se empenhado para que as políticas de saúde animal proporcionem resultados satisfatórios, já que isso reduz o risco de contaminação em áreas maiores, e inclusive diminui os gastos e prejuízos aos produtores.

Indubitavelmente, a AIE está relacionada na categoria 2 da IN MAPA nº 50/2013 e demanda notificação imediata ao Serviço Veterinário Oficial de qualquer caso suspeito. Porém, mesmo com a grande redução que vem ocorrendo a partir de 2019, o Estado e os produtores não podem deixar de investir no monitoramento e nos cuidados com os rebanhos, porque conforme verificado, é imprescindível o controle e a erradicação do vírus, visto, que A AIE não tem terapia, nem vacina e a patogênese.

Referências

- IDARON. (2025). Ferramenta Interativa Demonstrativa e Investigação de Doenças. Agência de Defesa Sanitária Agrossilvopastoril do Estado de Rondônia (IDARON) <https://www.idaron.ro.gov.br/index.php/ferramenta-interativa-demonstrativa-e-investigacao-de-doencas/>.
- ADEAL. (2025). Anemia Infecciosa Equina. Estado de Alagoas. Agência de Defesa e Inspeção Agropecuária de do Estado de Alagoas (ADEAL) [https://www.defesaagropecuaria.al.gov.br/sanidade-animal/anemia-infecciosa-equina#:~:text=A%20anemia%20infecciosa%20equina%20\(AIE,mesmo%20quando%20n%C3%A3o%20manifestar%20sintomas.](https://www.defesaagropecuaria.al.gov.br/sanidade-animal/anemia-infecciosa-equina#:~:text=A%20anemia%20infecciosa%20equina%20(AIE,mesmo%20quando%20n%C3%A3o%20manifestar%20sintomas.)
- Almeida, C. B. et al. (2024). Integrative review: from conducting the research to designing the academic publication. Cenas Educacionais, Caetité - Bahia - Brazil. 7(e20891), 1-30.
- Brasil. (2024). Sanidade de equídeos: Programa Nacional de Sanidade dos Equídeos – PNSE. Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/sanidade-de-equideos>.
- Brasil. (2004). Instrução normativa nº 45, de 15 de junho de 2004. Aprova as normas para a prevenção e o controle da anemia infecciosa equina - A.I.E. Diário Oficial da União. Brasília, DF. Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/INM00000045.pdf>.
- Brasil. (2013). Instrução normativa nº 50, de 23 de setembro de 2013. Alterar a lista de doenças passíveis da aplicação de medidas de defesa sanitária animal. Diário Oficial da União. Brasília, DF. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/arquivos-das-publicacoes-de-saude-animal/IN502013.pdf>.
- Brasil. (2018). Instrução normativa nº 52, de 26 de novembro de 2018. Diário Oficial da União. Brasilia, DF. 27 de nov. seção 1, p. 09. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidadeanimal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/IN_52_2018_PNSE.pdf.

Brasil. (2020). Ficha Técnica Anemia Infecciosa Equina. Departamento de Saúde Animal e Insumos Pecuários. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) https://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/fichas_tecnicas/ficha_tecnica_aie.pdf

Bueno, B. L. (2019). Caracterização imuno-histoquímica e molecular de equídeos naturalmente infectados pelo vírus da anemia infecciosa equina. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Obtido em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/SMOC-BB3HAB>.

Bueno, J. J. (2023). Anatomia e fisiologia de equídeos, sistema músculo esquelético, força, potência e resistência – uma revisão literária de suas adaptações. Brazilian Journal of Animal and Environmental Research, Curitiba. 6(4), 3663-79.

Campos, M., Bastos, G. F. & Gomes, D. E. (2022). Anemia infecciosa equina: cenário da doença no brasil e no mundo e o impacto causado na equideocultura nacional. Revista Científica Unilago, 1(1).

Cantoia, H., Faqueti, M. E. & Blankenheim, T. M. (2023). Programa nacional de sanidade dos equídeos: sua importância e as doenças abrangidas. programa nacional de sanidade dos equídeos: Sua importância e as doenças abrangidas. Revista Científica Unilago, 1(1).

Carvalho, M. C. (2020). Pecuária sanidade animal - anemia infecciosa equina. Informativo Técnico. Nº 02/2020, jun.

Cesário, J. M. S. et al. (2020). Metodologia científica: Principais tipos de pesquisas e suas características. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. 5(11), 23-33.

Cronin, M. & George, E. (2023). O porquê e o como da revisão integrativa. Métodos de pesquisa organizacional. 26(1), 168-92.

Dunkel, B. (2021). Distúrbios do Sistema Hematopoiético. In: Reed, S. M., Bayly, W. M. & Sellon, D. C. Medicina Interna Equina. (4ed). Editora Guanabara Koogan.

Evêncio, K. M. M. et al. (2019). Dos Tipos de Conhecimento às Pesquisas Qualitativas em Educação; Id on Line Rev. Mult. Psic. 13(47), 440-52.

Franco, R. W. (2024). Anemia Infecciosa Equina: um estudo retrospectivo no estado de Rondônia, 2018 a 2024. <https://repositorio.ifro.edu.br/items/1d7b5562-3fab-40b1-80d6-e903422d0449/full>.

Gomes, L., Silva, G. & Ferreira, A. L. (2021). Doenças de notificação obrigatória de relevância em equídeos no Brasil. Encyclopédia Biosfera. 18(35), 15.

Gomes, K. T. & Silva, J. V. A. (2022). anemia infecciosa equina no amazonas: revisão de literatura. Ciências Agrárias. 26(114/SET).

IBGE. (2023). Mapa - Equinos (Cavalos) - Tamanho do rebanho (Cabeças). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/equininos/br>.

IBGE. (2022). BRASIL: Rondônia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/historico>.

Issel, C. J. & Foil, L. D. (2015). equine infectious anaemia and mechanical transmission: man and the wee beasties. Rev. Sci. Tech. Off. Int. Epiz. 34(2), 513-23.

Lösch, S., Rambo, C. A. & Ferreira, J. L. (2023). A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara. 18, e023141.

Machado, R. C. et al. (2024). Características epidemiológicas e fatores de risco em propriedades foco de anemia infecciosa equina no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Ciencia Animal Brasileira. <https://revistas.ufg.br/vet/article/view/78756>

Malossi, C. D. (2019). Caracterização molecular do Vírus da Anemia Infecciosa Equina do Pantanal e padronização de qPCR para diagnóstico. Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho Instituto de Biociências de Botucatu, fevereiro. 30 p. <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/b2d57843-29c8-4a04-ac3c-49626de46e7f>

Merchán-Hamann, E. & Tauil, P. L. (2021). Proposal for classifying the different types of descriptive epidemiological studies. Epidemiol. Serv. Saude, Brasília, 30(1):e2018126.

Moraes, D.D.A. et al. (2017). Situação epidemiológica da anemia infecciosa equina em equídeos de tração do Distrito Federal. Pesquisa Veterinária Brasileira 37(10):1074-1078.

Mussi, R. F. F. et al. (2019). Pesquisa quantitativa e/ou qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. Revista SUSTINERE, Rio de Janeiro, v. 7, n., p. 414-430, jul-dez.

McCvey, S., Kennedy, M. & Chengappa, M. M. (2016). Microbiologia Veterinária. (3ed). E-book. Editora Grupo GEN.

Nunes, M. S. C. (2021). Metodologia universitária em 3 tempos. São Cristóvão, SE: Editora UFS. 52 p.

Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.

Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. (2ed). Novo Hamburgo – RS. Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale.

Ravazzolo, A. P. & Costa, U. M. (2017). Retroviridae. In: FLORES, E. F. Virologia Veterinaria: virologia geral e doenças víricas. Revista, atualizada e amplificada. Santa Maria: Ed. da UFSM. (3), 809-37.

Rezende, A. & Carvalho, W. M. (2023). Análise bibliométrica da produção científica de uma revista de instituição educacional militar brasileira. *Rev. Inf. na Soc. Contemp.*, Natal, RN, v. 7.

Ribeiro, T. M. P. & Freiria, L. M. (2018). Anemia infecciosa equina na região norte do Brasil no período 2005-2017. *Boletim do museu integrado de Roraima (online)*. 12(1), 17-23.

Roier, E. C. R. (2020). Anemia infecciosa equina - Relato de caso. *Research, Society and Development*. 9(11), e39591110098.

Rodrigues, D. S. (2019). Anemia infecciosa equina: revisão de literatura. Monografia (Bacharelado em Medicina Veterinária) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 39 f. <http://hdl.handle.net/123456789/1971>.

Shitsuka, R. et al. (2014). Matemática fundamental para tecnologia. (2ed). Editora Érica.

Silva, C. A. D. (2024). Anemia infecciosa equina: um estudo retrospectivo no estado de rondonia, 2018 a 2024. Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Artigo (Bacharel em Medicina Veterinária) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Jaru. JARU. <https://repositorio.ifro.edu.br/server/api/core/bitstreams/3b55805e-77ed-41b4-93e7-a29657c43ce6/content>.